



AO N.º 1024 DO



SUBSCREVE-SE

Na Typographia do PA-
TRIOTA, rua do Poço
dos Negros n.º 54.
Marques, na rua Augusta
n.º 2 e 3.

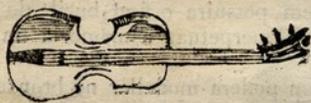
FOR

Um mez. 240 rs.
Tres mezes. 720 „
Avulso. 30 „

Este Supplemento publica-se todas as se-
gundas e quintas feiras.

PORTUGAL passa um pouco incommodado dos nervos;
os facultatiuos aconselham os ares de Hespanha.
Cubello.

ODE COROSCANTE.



LABORIM coroscante, ó nobre engenho,
Que o povo tens salvado cem mil vezes
C'o furfurio splendor do teu chinó,
C'o sonoro zurrar da voz foyquenha;
O nobre publicisca, ó pai da patria,
Homem pegado a casacão pelludo,
Da cór incerta da cenoura brava
A ti tambem aleyantar quizemos,
Com traços de carvão em papel pardo,
Monumento solemne, que recorde
As gerações vindouras, que existiu
Caturra sem igual, urso selvagem,
Que nos bancos do chôcho areopago,
Nesse museu sem par de grãos sendeiros,
Troando escoucinho, vertendo asneiras;
Que tu, *baklo* jurista cavalgando
Em bucéfalo cór de beterrava
Como o gordo e rotundo Sancho-Pansa,
A esquerda e direita desprendendo
Justiça, e cortezias, neste mundo,
Da tolíce, e do Piudo *ao gu-me toças*.
Ser-nos-has grato, ó sem-sabor Catão,
Demósthenez palhaço, por havermos
O teu nome gravado nesta folha
Onde o tendeiro aydaz virá profano
A fronte besuntar-te de manteiga.
Tu, que outr'ora, heróe auri-crinito,
Tua fama deixaste consagrada
Nas mistiforias actas dessa Junta
Que as armas commandou da liberdade
E quando ia vencer se achou por magica
No porão do Belfast encurralada;
Tu que um dia, sybilla cabralista

Sobre o cano pousado de um vapor,
De uma nuvem de fumo circumdado,
Escorrendo suor e *anões versinhos*,
Qual anjo de folar berrando loas,
O nobre descendente desse bode
Que os Judeus expulsayam para o deserto,
Saudaste em *coruscante* lenga-lenga;
Tu que ao traçar em pagina dynastica,
Com *penna de Perú, letra anarella*,
Contra vencido rei, proffesto insosso,
Saltando como cabra (que és por certo)
Clamaste á multidão embasbaçada,
Que penna tão leal guardar devias;
O meu Laborimzinho, ó meu cupido
Tu has-de consentir, has-de, meu anjo,
Que em barro de Estremoz molde teu busto
(Mas como heide tingir-te a cabelleira?)
Os vindouros, a quem a natureza
Tiver dotado de mesquinho senso,
Teu nome espalharão por toda a parte
Se a tanto os ajudar engenho e arte;
E quando tu na terra vomitares
Distinctas producções do teu bestunjo
Nós diremos então, batendo as palmas:
Zurra sonoro, qual jumento em Maio
José Joaquim Gerardo de Sampaio.
José Agostinho de Macedo.

Festejos do dia 29.



Ao meio dia doze rotas capoeiras
caminhavam em triumpho para o
Paço das Necessidades. Compun-
ha-se o cortejo de dois ou tres vis-
condes de deptes postigos, cabellei-
ras, commendas, punhos de rená e
bota acalcanhada, quatro caturras
de moderna estofa, barões por graça
de Deos e da Sr.ª D. Agiotagem.
Vinte e um tiros no castello,
que não offereceram novidade algu-
ma, ode do padre Adulterio a Sua
Magestade em vez de artigo de fun-
do do Diario do Governo; constitui-
ram os cumprimentos officiaes.
Um sol de rachar desceu á are-
na a saber o que se passava por cá, tomou um capilé
no Marrare, e esporeando o seu Ethonte sumio-se nas
nuvens, deixando uma carta de visita ao capitão Men-
des Leal.

De tarde houve regosijo de chifarote; e sonata de *instrumento de pau* no caes do Sodré; passeio militar de D. Carlos no logar do combate, fazendo tremeliciar todo o mundo com o penacho de seu avô Achilles.

No theatro de S. Carlos deram-se *Os dois Fosforos*, o *Chapim d'Elrei* calçado pela sr.^a Bussola, e as *parras verdes* coroando o dançarino Vienna.

No castello brilhava um *sette-estrello* de azeite de purgueira: no Chiado umas lanternas em casa do Jung alfaiate.

O *furfurio-calabrecador* Claudio Adriano da Costa, para honrar a *parallaxe*, e a *excentricidade* do gaz fez tres *saltimvães*, e accendeo evaporadamente seis biquinhos.

Notou-se em todo o dia grande melancholia nos caes, assanhamento nos gatos, e profunda meditação nos cabraes.

Na imprensa do *supplemento* silencio e mysterio.

Taes foram os festejos hypocondriacos e misanthropicos com que esta sempre leal (mas não invicta) cidade saudou destemperadamente o trigessimo-primeiro anniversario do commandante em chefe do exercito,

O SR. JOSÉ MARIA DE SOUSA E AZEVEDO.



tê hoje tem sido baldados os nossos esforços, e apesar das maiores diligencias, de avultadas despesas, tem-nos sido impossivel apoderar-nos do digno par do reino José Maria de Sousa e Azevedo!

Advertido por inimigos nossos, esta personagem, tem tomado todas as providencias para escapar á pedra lithographica! Um dos meios a que recorreo, foi o de não sabir de casa, sem tomar a precaução de cobrir metade do anglo-fa-

cial com um lenço!!

Esta idéa é atroz! José Maria de Sousa e Azevedo, é propriedade nacional, não tem direito algum de barricar os queixos com um lençol, principalmente em tempo de paz e de calor.

Nós fizemos despesas extraordinarias, empenhamo-nos para possuirmos José Maria de Sousa: estamos de posse de meio corpo, é nosso até ao pescoço, falta-nos a cabeça! e quando ia a calir em nossas mãos, este homem desalmado atraigoa-nos! Pedimos a cabeça de José Maria de Sousa, é nossa, pagámos meio corpo; ou a cabeça do illustre par, ou a morte.

Ninguem tem direito de andar encapotado, é um ataque á moral publica.

Se José Maria de Sousa resistir, teremos de recorrer á violencia, á força, ás armas, aos tribunaes, á camara dos pares, ao protocollo; iremos lançar-nos aos pés do throno, havemos obter justiça, e desde já protestamos á face da Africa e do mundo inteiro, contra qualquer pessoa que pertenda dispôr da nossa illustre victima; e para que ninguem possa alegar ignorancia prevenimos o paiz que a cabeça de José Maria de Sousa e Azevedo, é propriedade dos redactores do supplemento, e que todo e qualquer contracto que sobre ella se possa fazer o damos por nullo e não valido.

Teremos de ser gallegos.



ERTENDEM OS nossos estadistas de Cubello que a salvação deste paiz está em celebrar um tratado de alliança offensivo e defensivo com a corte de Izabel II., para que os hespanhoes nos venham machucar e quebrar os ossos quando não tiverem que fazer.

Dizem os da governança que estão apertados e que só os hespanhoes os poderão despertar, que Portugal vendido á Hespanha se tornará o paiz mais feliz do mundo.

Os hespanhoes são geralmente generosos, são a quinta essencia da prodigalidade, são dotados de uma sensibilidade rara, e se na presente occasião não estiverem indinheirados para a compra, serão capazes de vender a camisa do corpo para que lhe não escapemos. Que dizemos! a camisa! até os proprios atilhos das piugas!

O Narvaez, e o tomar, estes dois heroes dos nossos dias, teem um só desejo, um só voto, estes dois corações contidos no mesmo pericardio, são dignos da antiga Roma.

Dissipe-se essa nuvem negra com que a patulêa nos pertende enluctar, e congratulai-vos, oh portuguezes, pois vos chegou o vosso São Martinho, mil bens vos esperam; choverão sobre vós dobrões de duas caras, pezos fortes da innocente Izabel, e talvez com o andar do tempo chovam tordos assados, olha-podrida e legumes.

Oh! quem possuir a fino buril de Canova para em rijo marmore perpetuar a memoria da nossa futura idade d'ouro.

Oh! quem podera modellar no bronze os Narvaez, os tomaves e os Cubellos, com os finos toques de um Marochetti.

Sim, portentosos castelhanos de cá e de lá, é n'este momento que a maior união deve ser recommendada, esta colossal caldeirada vai fazer baquear o poder inglez.

A proxima chegada a esta corte de um novo ministro hespanhol dará em terra com o pobre Jonh Bull, a quem ficará por unica consolação o poder ler o protocollo nas noites de inverno.

Ergue-te, oh povo Lusitano, e deixa correr o cordel e verás como dentro em pouco te fuzilam á Cabeira, á Zurbano; á tomar e á Narvaez; venha o tratado e outro gallo cantará, então a nossa independencia se tornará verdadeiramente independente da nossa vontade, e para começarmos a desenvolver toda a nossa nacionalidade, apertemos nos braços esses gallegos, que por ahí estão pelos chafarizes, pelas esquinas. São nossos pais, nossos irmãos, nossos filhos, nossos esposos, nossos amos. Curvemo-nos diante do cidadão de Tui e de Vigo, levantem-se-lhe altares, e de hoje em diante seja o gallego considerado como nacional, e o portuguez como gallego.

Protocollo.

ROTOCOLLO quer dizer — Nabos em sacco — Ovo chocó — Pilula de sal inglez — Clister d'agua morna — Cantiga para adormecer — Xarope de dormedeiras — Embosia sem confeição — Anzol — Ratoeira — Mel pelos beijos — Mólho de pasteleiro — Rede para patos — Politica engarrafada — Agulha em palheiro — Fogo de vistas — Arroto Diplomático — Touro de rapazes — Aperto de uretra — Opio puro — Mentira com molho de vilão.



Lith. Francisco Calçada do Combro N.º 45.

POETA COROSCANTE.

REVISTA SEMANAL.



Diario Adulterio diz, que a situação do paiz é grave, e cumpre meditação profundamente.

Para que a meditação seja mais seria tem o cacete trabalhado menos mal estes ultimos dias.

A *Carta* lançando a vista para a situação actual, diz que a primeira idéa que teve foi pedir a reconciliação da familia Constitucional.

Sendo o redactor deste jornal habituado a mudar de idéa a cada hora, naturalmente o segundo pensamento que teve foi que nos não devia-mos reconciliar.

O *Estandarte* affiança que as difficuldades da situação augmentam de minuto a minuto.

Assim será; porém o ventre dos empregados, esse ventre que fazia as delicias do paiz, e a admiração dos estrangeiros é que diminui a cada segundo.

O *Tempo* descobrio, que as idéas são todas as mesmas, só os pretextos são diferentes.

Como neste dia havia serração não se comprehendeo a idéa do *Tempo*.

Claudio Adriano da Costa publicou um folheto em linguagem tão sublime que carece para ser comprehendida alguma explicação.

Palavras Claudias.

Traducção.

Camartellar
Saltinvão
Calabrear
Phosphorões

Pancada com o camartello
Brincadeira de rapazes
Adubar
Phosphorico

O *Lopes de Mendonça da Revolução*, no meio destes saltinhões, e phosphorões, começou a camartellar no Catholicismo, e quer-nos calabrear para o Protestantismo!!

Appareceu um *Jornal* novo chamado o *Artista*, que apparece ao Domingo, por ter a loja fechada nos dias de semana.

O *Livro Azul* vende-se a 8 réis a folha, e o *Franzini* mandou cunhar esta nova moeda para facilitar a venda.

N'esta semana venderam-se 20,000 exemplares do supplemento a 30 réis que fazem 600,000 réis; se isto continua a redacção compra carrinho e algum palacio velho em Lisboa; se o *Exm.^o Conde de tomar* se achar resolvido a vender o palacio da Estrella, dirija-se á redacção para tratar do ajuste; e se por economia quizer desfazer-se do *Gualdim Paes*, o nosso *Pinta Monos*, que pretende comprar uma habitação no campo, não duvidará dar a preferencia a *S. Ex.^a*; e mesmo lhe conviria dar em pagamento alguns monos, um tanto parecidos com *S. Ex.^a*.

ANNUNCIOS.

ENDO Portugal de Mar em Africa de retirar-se para Hespanha em companhia de *S. Ex.^a* o *Sr. Conde de tomar*, previne a todos os seus numerosos amigos, de quem se não poder despedir, que nem por isso lhe consagra menos estina.

PADRE Dom Adulterio tem a honra de participar aos seus numerosos leitores, que proximo do *Diario do Governo* será redigido em Castellano puro.

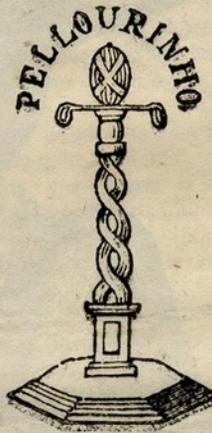
CABAN de chegar a Lisboa duzentos mestres de lingua Gallega, os quaes vão abrir um curso d'este idioma na Secretaria dos Negocios Estrangeiros.

VAI publicar-se a arte de fazer tratados occultos com a corte de Madrid, pelo *Barão de Cu-bello*, anotado pelo *Conde de tomar*.

VENDAS.

VENDE-SE um *Ferrão* usado e rombo, de rosca muito devassa: quem o pertender comprar, dirija-se a esta redacção.

VENDE-SE o *Protocollo*, em verso, em prosa, e em Grego.



O *Tempo* segundo nos informam assevera que o nobre marechal *Saldanha* continua a fazer politica separada dos cabraes, e nós que não temos tempo para engolir araras, pedimos ao *Tempo*, que dê tempo ao tempo a respeito deste negocio.

O *Antonio de tomar* e o *Cubello*, descobriram um novo meio de agiotagem; hade-se arranjar um tratadinho com a *Hespauba*, e as acções serão o throno da rainha de Portugal.

Espera-se em Lisboa o duque de *Gluckberg*, vem substituir *Mr. de Varennes*. O jogo diplomatico não é tão encoberto, que se não veja estar o throno da rainha jogado aos dados.

O esquite que hade levar Portugal á sepultura será conduzido pelos dois cabraes, pelos dois duques, pelo *Trastimundo* e pelo *Cu-bello*. O reverendo *Marcos* encommendará a alma do defuncto.

Que nome terá o tratado que se pretende concluir com a *Hespauba*?

Tratado de tomar.

Papagaio real, quem passa?

E' Portugal que vai para a *Hespanha*.

José Bernardo da Silva Cabral pede a *S. M.* a *Rainha*, que haja por bem cumprir a carta constitucional!!! O patusco quando tal pedio tinha de certo jantado com o *Marcos*!

Editor responsavel — MANUEL DE JESUS COELHO.

LISBOA

NA OFFICINA DE MANOEL DE JESUS COELHO

Rua do Poço dos Negros n.º 54.

1847.